

A transgressão da sexualidade e a identidade de gênero no contexto universitário: uma análise performática entre os corpos dissidentes da UERN campus Mossoró

The transgression of sexuality and gender identity in the university context: a performative analysis among dissident bodies at UERN campus Mossoró

La transgresión de la sexualidad y la identidad de género en el contexto universitario: un análisis performativo entre cuerpos disidentes en la UERN campus Mossoró

Salatiel Figueredo Vicente¹

Resumo

A partir dos pressupostos que entrelaçam a sexualidade até às distinções de gênero na perspectiva identitária, a comunidade LGBTQIA+ exerce um papel fundamental acerca do cenário político em específico nas representações do corpo. Ainda que perante o contexto acadêmico, a performance do corpo é inviabilizada pelos preceitos e preconceitos da sociedade cis normativa. Os dissidentes são direcionados à espaços que causam estranhamento e ao mesmo tempo aderem aos princípios de descontinuidade em torno de fatores físicos e biológicos. Para além desta análise, é proposto construções culturais, sociais e políticas que se materializam por meio de práticas performativas acerca da arqueologia do saber até a libertação dos desejos. A compreensão que se estabelece na dissidência, é direcionada perante a relação de espaço e tempo, do mesmo modo que especificam a própria sociabilização.

Palavras-chave: Dissidência; Identidades de gênero; Sexualidade; Queer.

Abstract

Based on the assumptions that intertwine sexuality with gender distinctions from an identity perspective, the LGBTQIA+ community plays a fundamental role in the political scenario, specifically in representations of the body. Even in the academic context, the performance of the body is made impossible by the precepts and prejudices of the normative cis society. Dissidents are directed to spaces that cause strangeness and at the same time adhere to the principles of discontinuity around physical and biological factors. In addition to this analysis, cultural, social and political constructions are proposed that materialize through performative practices regarding the archeology of knowledge until the liberation of desires. The understanding that is established in dissent is directed towards the relationship of space and time, in the same way that they specify socialization itself.

¹ Graduando em Ciências Sociais, atua como pesquisador no Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais (PETCIS), através dos estudos de Gênero e Sexualidade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: salatielfigueredo@alu.uern.br

Keywords: Dissent; Gender identities; Sexuality; Queer.

Resumen

A partir de los supuestos que entrelazan la sexualidad con las distinciones de género desde una perspectiva identitaria, la comunidad LGBTQIA+ juega un papel fundamental en el escenario político, específicamente en las representaciones del cuerpo. Incluso en el contexto académico, el desempeño del cuerpo se vuelve imposible por los preceptos y prejuicios de la sociedad cis normativa. Los disidentes son dirigidos a espacios que causan extrañeza y al mismo tiempo adhieren a los principios de discontinuidad en torno a factores físicos y biológicos. Además de este análisis, se proponen construcciones culturales, sociales y políticas que se materializan a través de prácticas performativas en torno a la arqueología del conocimiento hasta la liberación de los deseos. La comprensión que se establece en el disenso se dirige hacia la relación del espacio y el tiempo, del mismo modo que especifican la socialización misma.

Palabras-clave: Disidencia; Identidades de género; Sexualidad; Queer.

Introdução

Acerca do que é reproduzido através dos conceitos de sexualidade que foram contínuos durante o século XVII, o sexo é visto entre o alardo de repressões e de linguagens ocultas que são caracterizadas a partir das consequências históricas, econômicas e sociais. É repressivo quando se denota as questões de poder e dominação, que a posteriori, tendem a serem compreendidas a partir da modernidade por intermédio das noções de libertação e da ideia de progresso.

A modernidade burguesa do século XIX é detentora destes mecanismos de repressão entre o saber e o poder, em razão a qual direciona a sexualidade a um reduto categorizador da vida humana, ainda que, seus preceitos religiosos e a fixação taxinômica sejam ainda vigentes ao se revelarem acerca do que estejam entre o desejo e a descoberta da genitália. Entre o que é construído na perspectiva de gênero, ou o que se pode estabelecer numa origem do que é subjetivo, faz-se de instrumento investigador as engrenagens das ciências sociais; o que está dentro de si pode ser um tanto relativo quanto as possíveis identidades de gênero, da mesma forma que são estimuladas e geradas de virtude. Em todos os casos, coíbe a investigação dos próprios sujeitos, como também, possibilita os dispositivos da sexualidade até à vontade de saber.

No tocante intelecto das relações sociais, o termo *queer*² exerce uma sucessão das representações e interpretações as quais a performance do corpo, em conjunturas críticas e práticas, distingue-se o que teoricamente seja identificado como “corpos excêntricos” ou “corpos dissidentes”. O *queer* nesta perspectiva deixa de ser apenas reconhecido como um dos aspectos da homossexualidade, e, passa a performar uma cultura consistente numa política identitária – em tal modo – o termo assume um conjunto de significados entre o dissentimento com a cisnormatividade (SPARGO, 2017).

Perante o final do século XX, a teoria *queer* surge como uma abordagem que direciona tanto as subjetividades do sujeito quando a subversividade no que concerne a corporeidade como uma espécie de performance³, ou seja, os corpos não são atrelados as entidades estáticas, mas sim às construções culturais e sociais que se materializam por meio de práticas performativas (BUTLER, 2018). Nesse sentido, a noção de gênero se torna um ato repetitivo e ritualizado, que produz e reproduz papéis atribuídos aos indivíduos com base em suas identidades de gênero. Entretanto, é imprescindível as possibilidades que são apresentadas acerca dos próprios sujeitos a partir da explanação e contemplação de ser e estar tornando viáveis as vontades e os próprios desejos.

A literatura propõe a perspectiva de desnaturalização de séculos antecessores, dado que, deixa de ser estruturada apenas pelo sexo biológico e transpassa a compreender e incluir esses discursos perante a contemporaneidade. Em todos os casos, ou em boa parte deles, a representatividade é atrelada às políticas que pontuam a atuação de pessoas trans, travestis e não-binárias à um aspecto performativo na universidade – numa multiplicidade de reavaliar as relações de poder e desejo diante essa narrativa – uma vez que, ocupam estes espaços e ao mesmo tempo causam uma tensão quando não apresentam uma “verdade ilusória” da qual se pendura a cisnormatividade. Como estes corpos estão sendo vistos no ambiente institucional? Por que a partir deles é causado estranhamento? E por que não são vistos como parâmetro de beleza?

A questão presume a tal modo, relacionar estes corpos a uma performance que sejam visualizados, cobiçados, atraentes, e livres de amarras que relacionam o espaço

² Termo característico que se atribui aos significados ‘estranho’, ‘peculiar’ e ‘esquisito’. Não assume as ideias convencionais em relação a sexualidade e gênero, nem tão pouco a uma ordem heterossexual.

³ Conceito que desafia as concepções binárias de gênero e sexualidade. Implica em reconhecer as identidades de gênero não fixas, mas sim, aquilo que o sujeito constrói e contesta socialmente.

acadêmico à uma ordem social tal qual passível à heteronormatividade. Porém, a transferência do que antes era inviabilizado por meio de uma ética moral, hoje a sexualidade e as questões de identidades de gênero são pensadas acerca de uma subversividade como instrumento cognitivo capaz de desmitificar a herança moderna das sociedades deturpadas pelo próprio CISTema.

O objetivo em questão é fundante na delimitação entre as percepções em torno das identidades, pois, é inteligível deixar em evidência a diversidade entre as mesmas que se apresentam, ainda que as possibilidades sejam múltiplas e fluídas. A teoria *queer* de subjetividades facilita os mecanismos fazendo do discurso para a interpretação dos sujeitos sem uma ordem hierárquica e categórica. Toda via, pode-se destacar algumas identidades como cisgênero, transgênero e não-binário. Para as identidades transexuais, travestis e não-binários é existente um espectro que propõe análise acerca da performance de gênero, estas mesmas servirão para a discussão dos seguintes tópicos.

A literatura *queer* na ótica de Judith Butler

O que emerge como espaço vital acerca da literatura *queer* é propriamente a expressão e compreensão dos sujeitos que performam mediante os papéis sociais, culturais e políticos, sendo estes não fixos. Com o alcance contextual da teoria, ela não apenas documenta e analisa as experiências desses sujeitos, mas também desafia as normas predominantes oferecendo e negociando novas formas de pensar e representar identidades de gênero e sexualidade (BUTLER, 2018).

Através desta ótica, o que era fixo e controlado perante as tecnologias de gênero e ordem do poder, automaticamente é desnaturalizado à uma idealização dualista que se tinha entre sexo e gênero – construção que determinava características biológicas às identidades de gênero e os papéis sociais atribuídos. A desnaturalização tenciona, também, a dicotomia entre natureza e cultura, argumentando que mesmo o sexo biológico é interpretado e entendido através de lentes sociais e culturais, e que o gênero não é uma simples consequência do sexo biológico, mas sim, uma construção e negociação complexa que pode ser vista numa multiplicidade em interações com normas culturais e estruturas de poder.

Ao relacionar a performance dissidente, pode-se compreender como a subversão das normas (cis) de gênero e sexualidade se dá por meio de práticas performativas que precisamente desestabilizam as concepções tradicionais formuladas diante epistemologias antecessores. É por essa questão que o termo dissidente, portanto, se associa como um ato de resistência, subversão e re (configuração) a partir do momento em que se apresenta não relacional a um dualismo engendrado as oposições binárias (homem-mulher). O desafio enquanto discurso e prática, apoiam-se de acordo com as fronteiras e limites impostos às identidades de gênero e sexualidade, abrindo espaço para novas possibilidades de expressão e vivência da corporeidade.

Dissidência e o caráter subversivo

Trazendo à tona a perspectiva dos corpos dissidentes ou até mesmo entendidos como corpos excêntricos, consecutivamente, pode-se empreitar como são aflorados os agentes de transformação e resistência dentro dos movimentos sociais, transferindo consigo um caráter subversivo que desafia as normas e hierarquias impostas pela sociedade. É com o surgimento da teoria *queer* que esses corpos são entendidos, construídos e desnaturalizados como espaços de contestação e reinvenção das identidades de gênero e sexualidade, rompendo desta forma com categorias tradicionais e binárias a partir do feito ocupando o social.

O caráter subversivo dos corpos dissidentes reside na sua capacidade de questionar e desestabilizar as normas dominantes, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Ao recusarem-se a se adequar aos padrões estabelecidos, esses corpos desafiam as estruturas de poder que tentam impor uma única narrativa sobre o que é aceitável ou legítimo em termos de identidades, expressão e saber. É importante ressaltar que a subversão dos corpos dissidentes não se limita apenas à esfera pessoal, mas que se estende também aos espaços institucionais e políticos por intermédio de performances e manifestações públicas fazendo o uso da linguagem, ainda que as ideias de “abjeção” ou “fora do lugar” são removidas no ingresso da literatura *queer* (DÍAZ-BENÍTEZ; FÍGARI, 2009).

A reivindicação à visibilidade e reconhecimento, demandando uma reconfiguração das estruturas sociais e legais que perpetuam a marginalização e a discriminação. No que

se percebe essas discussões sociológicas, o caráter retórico aciona-se ao que relativamente era importuno aos prazeres dissidentes; à vontade de saber, a utilização dos prazeres, desejos, erotismo, e até o próprio sexo. Em todos os casos, até aqui, sabe-se das problemáticas que silenciaram e ainda silenciam a sexualidade, como também, em outro lado, surge o intelecto do pensamento foucaultiano que desmembra essas definições do sexo e as conceitualizam às relações de interesses.

Com o arcabouço conceitual proposto a partir da concepção dos prazeres dissidentes, é que se torna possível a compreensão e valorização à uma multiplicidade de experiências e vivências que os corpos dissidentes representam. Entretanto, é desafiada a ideia de uma verdade única e imutável sobre gênero e sexualidade, das quais, o *queerling*⁴ é acionado e interpelado pelo reconhecimento de que essas categorias são fluidas, mutáveis e construídas por meio do discurso congênere a comunidade *queer*. É entendido até então que a subversão é uma ação do sujeito perante a alguma forma de exuberância, ou seja, os corpos dissidentes afirmam sua agência e autonomia, rejeitando qualquer tentativa de aproximação a cisnormatividade ou ideia de controle das subjetividades.

A outra associação de repugnância refere-se ao animal no humano, ainda que não desligado do abandono do estado de natureza, aquela natureza que devemos esquecer sob o preço da civilização. A animalidade repugna e esteticamente atribui beleza, pois quando mais perto de um animal se esteja, mais feios seremos e menos saberemos a que podemos nos ater. Quanto mais disforme for uma imagem em relação ao cânone de beleza masculina ou feminina, mais a identificação se fará em termos animais. E ainda, entre a animalidade e a deformidade surge o monstruoso. A monstruosidade impacta em face do outro não-natural, quase animal e absolutamente disforme. (DÍAZ-BENÍTEZ; FÍGARI, pg. 23, 2009).

Transexualidades e subjetividades

Percebe-se que desde o percurso teórico acerca de um pensamento crítico, ou até mesmo, desmistificado pela teoria *queer*, o reforço que se tem na (re) construção em função das identidades de gênero, é algo avançado pelo caráter que se acionado pela subversividade e subjetividade atrelada a concepção de performatividade de gênero. A identidade transexual, dispõe o fator predominante que enfatiza a performatividade de gênero, ou seja, a ideia de que o gênero não é inato, mas sim uma série de atos repetidos que constroem e mantêm as categorias de gênero. No contexto das transexualidades, isso

⁴ Denota a prática de desafiar as normas de gênero e sexualidade de uma forma mais sutil ou pessoal, como uma expressão individual de identidade e orientação *queer*.

pode ser visto como uma exploração das maneiras pelas quais as pessoas trans desafiam e redefinem as normas de gênero por meio de suas próprias expressões e identidades. Ainda que a ordem não se associa a uma ideia de progresso universal conjecturado, mas sim a uma ordem que se negocia intrinsecamente para cada tipo de sujeito.

As negociações de identidades oferecem uma lente para examinar como as identidades transexuais podem ser visualizadas em diferentes contextos sociais, culturais e políticos. Isso envolve não apenas a maneira como os indivíduos trans se identificam, mas também como suas identidades são percebidas e contestadas pela sociedade em geral. É crucial nesta análise a discussão sobre corpos dissidentes e subversões das normas de gênero a partir das instâncias ampliadas para incluir as experiências e as até mesmo as vozes das pessoas transexuais. Ainda que, implica reconhecer como os corpos são frequentemente considerados como fora das normas binárias de gênero e como esses corpos desafiam ativamente as concepções tradicionais de identidade e sexualidade.

Dentro do contexto das transexualidades, considera-se agências e autonomias em relação à sua própria identidade e expressão de gênero. Isso implica reconhecer a capacidade das pessoas trans de afirmar sua identidade de maneiras diversas, e desafia as expectativas sociais impostas sobre elas. Justamente, porque divergem das concepções físicas e biológicas determinadas ainda pela “construção” do sexo. Detona-se, assim, então, que pessoas trans femininas e masculinas estão dentro de espectro subjetivo e performático. É fundamental também descrever a interseccionalidade, que examina as interações entre diferentes formas de opressão e discriminação, pois é relevante para entender as experiências pessoais. Isso inclui considerar como raça, classe, orientação sexual e outras identidades fazem parte deste processo de integração social a partir de experiências individuais e coletivas.

Identidade travesti

Descrevendo a literatura travesti e transferindo para um recorte predominantemente dissidentes, e de origem latino-americano, o termo em si, assim dito: travesti, é pensado como terceiro ou quarto gênero, justamente pela quebra de paradigma direcionado sob uma ordem binária de sociedade. Através de pressupostos que ressoam a

sociedade, ainda que estruturados numa concepção cisnormativa, a travesti passa “despercebida” no que concerne as múltiplas identidades de gênero.

Em tal caso, cabe a análise de epistemologias que anteriormente direcionavam uma patologia ao corpo travesti, e conseqüentemente, incorporava sob entranhas ao substantivo masculino. Hoje essa idealização ainda persiste, porém é desnaturalizado acerca do conceito de trans-epistemologia e concomitante a teoria *queer*. A partir desses tensionamentos é que se pode pensar em possibilidades de mudanças, do mesmo tempo, manifesta-se perante a identidade travesti uma validação do seu próprio corpo, ou seja, a mesma que transita entre espaços, é a mesma que reivindica seus direitos resistindo a um imaginário transfóbico. O que constitui (ser/estar) travesti é justamente a voz que se denomina pertencente ao gênero feminino, que rompe com o binarismo ao longo do tempo, mas que não se associa nem ao homem, nem tão pouco a mulher, dentre algumas se descrevem como “trava feminina”.

A partir dos estudos de gênero e sexualidade, é onde fica visível e possível um modo de pensar como estes corpos estão sendo vistos. Trazendo à tona o conceito de corpos ciborgues – aquele evidenciado a partir de marcadores – é o mesmo entendido a partir do exótico que foge de uma centralidade binária, ainda que vigiados pela sociedade e descrito pela mesma, apresenta-se e dialoga a partir de um entendimento de si que possibilita a adaptação e o pertencimento em lugares para outras trans e travestis (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020). A inserção da literatura nos ambientes acadêmicos tem obtido um crescimento satisfatório, porém não apenas acerca do letramento do que é “ser travesti”, mas sim a inserção da travesti em universidades com intuito de reforçar reflexões a respeito da exclusão e invisibilidade social que se faz presente.

A marginalização num contexto de direção as margens; direciona a travesti numa espécie de rede criminalização e demonização por meio de preceitos religiosos e morais – pois, são as mesmas que interferem nesses processos de aniquilação e de morte em que são direcionadas todos os dias. Entretanto, é mediante a inserção de políticas públicas (das quais as mesmas lideram), é que se pode ter a decência de um futuro em que a travesti não só ocupe as ruas, mas também universidades e dentre outros espaços que são de direito enquanto pertencentes a sociedade civil, justamente com a perspectiva de enfrentamento ao sistema. A política que direciona estes corpos dissidentes, é a mesma

pensada dentro de um espaço-tempo, ainda que apresentada no construto imaginário, as inserem de forma arbitrária como desviantes (não pertencentes), pois, as performances as quais são apresentadas causam o que se pode denominar por estranhamento mediante a concepção natural que perpassa o pensamento e comportamento cisnormativo.

Identidade não-binária

Numa proposta a qual se dispõe descrever a corporeidade e performance dissidentes, a abordagem da identidade não-binária é crucial para compreender a diversidade e fluidez das experiências de gênero e sexualidade. Esta identidade de gênero refere-se a uma concepção a qual não se encaixa nas categorias tradicionais de homem e mulher, sendo mais preciso, pessoas não-binárias podem se identificar com um gênero que está além da dicotomia binária, como também, podem não se identificar com nenhum gênero específico.

É determinado para esta a ideia de desconstrução de que o gênero não é estático, não fixo, mas sim fluído e desprendido para estabelecer mudança ao longo do tempo. Pessoas não-binárias podem experimentar essa fluidez de maneiras diferentes, podendo se identificar com diferentes gêneros em momentos diferentes ou sentir que seu gênero não pode ser definido de forma inerte. A expressão dessa identidade concerne à diversas e únicas que desafiam as expectativas sociais de gênero. Ainda que múltiplas, são presentes dentro do espectro não-binário, como por exemplo: a) agênero (ausência de gênero); b) andrógeno/andrógino/andrógine (mistura dos gêneros masculino e feminino); c) gênero fluído (caracterizado pela mudança periódica entre gêneros); d) mulher não-binária/não-binária (aproxima-se do gênero feminino, por alguma razão); e) homem não-binário/não-binário (aproxima-se do gênero masculino, por alguma razão); f) neutrois (não se identifica com o gênero masculino, nem feminino, nem a mistura dos dois); g) demigênero (identifica-se apenas parcialmente com determinado gênero); h) transfeminina/transfeminine (é quem, ao nascer, foi atribuído o gênero masculino, mas se identifica com o gênero feminino); i) transmasculino/transmasculine (é quem, ao nascer, foi atribuído o gênero feminino, mas se identifica com o gênero masculino); j) xenogênero

(abrange várias pessoas que se identificam com gêneros definidos como uma associação com seres, sentimentos e fenômenos).

A identidade não-binária desafia as normas de gênero, desta forma, se questiona a ideia de que há possibilidades de performances para além de duas determinações de gênero. Assim sendo, contribui para uma maior conscientização e aceitação da diversidade de identidades de gênero até mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. No discurso que entrelaça a identidade não-binária dentro do contexto de corporeidade e performance dissidentes, é essencial considerar como as pessoas não-binárias desafiam e re (definem) as normas de gênero através de suas expressões corporais e performances, uso de linguagem e criação de políticas e práticas acerca da compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade de experiências de gênero e sexualidade.

O conceito de *camp* na ótica de Tamsin Spargo

Entre as subjetividades do corpo que se atrelam ao comportamento configurativo, o *camp*⁵ se mantém a uma cultura que anteriormente era associada a homossexualidade, ainda que, recorrente de uma história e – concomitante a uma mesma ideia – que é delimitada no que se pode descrever como estética extravagante que se interliga à personalidade ou performance corpórea. Na literatura em questão, o *camp* é expressado no tocante momento de ascensão da era vitoriana, em primeira instância, as manifestações artísticas como *drag queen* movimentavam essa representatividade mesmo que no decorrer do século XIX, período ao qual, os processos de repressões e amarras sociais eram vigentes entre os dispositivos da sexualidade e a excentricidade.

O corpo excêntrico então é visto perante um momento histórico do qual o pensamento moralizante era detentor de mecanismos repressivos. Portanto, eis que, surge a necessidade de subversão através daquilo que é perceptivo acerca das manifestações artísticas. Mediante essa passagem pós-secular, é existente o que é definido como *high camp*, ou seja, corresponde a um tipo de sensibilidade que neste caso assume e decorre da aproximação dependente de um público à uma espécie de recepção e interpretação

⁵ Termo de origem francesa *se camper*, cujo significado é referente a exagero e de atitude portada de extravagância.

daquilo que anteriormente era visto como *kitsch* (não belo), ou não dito em maior parte do tempo. O *camp* presume incorporar um atributo de humor totalmente característico ao *drag queen* ou cinematográfico, é nessa percepção que o corpo se interliga na intenção de subverter valores no tocante momento de suspensão entre os gêneros dramaturgicos. Entretanto, é nesta mesma intenção que a originalidade é introduzida recorrendo ao conceito de paródia.

Embora a interpretação equivocada de performatividade – ou seja, a de que podemos escolher de que gênero somos – esteja completamente em desacordo com as compreensões foucaultiana e queer de subjetividade, a ideia de que alguns estilos hiperbólicos de performance de gênero podem ser subversivos tem sido acertadamente relacionada ao *camp*.” (SPARGO, 2017).

Considerações metodológicas

A metodologia utilizada se dispõe de organizar a pesquisa através da observação participante e coleta de dados. É fundamental o questionamento de aspectos sociológicos e antropológicos que preocupam as ciências sociais no exercício do trabalho de campo. A pesquisa qualitativa foi construída em cima de uma entrevista participativa realizada com um aluno da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Campus Mossoró. Para tais questões, acerca das problemáticas, foram desenvolvidas duas perguntas referentes ao recorte: “uma análise performática entre os corpos dissidentes no ambiente acadêmico”.

Pergunta 1: Como você se sente no ambiente acadêmico sabendo que ele é detentor de parâmetros que exigem uma normatividade?

Pergunta 2: Para você, como é lidar com o estranhamento acerca da performance não padrão (*queer*)?

A análise do discurso entre os sujeitos tem a intenção de tencionar a instituição na problemática de conscientizar em torno do comportamento, tratamento e respeito na utilização dos espaços. O levantamento de dados vai investigar a que ponto este corpo dissidente é inviabilizado no caráter performático entre as relações de alunos, professores e público universitário.

Resultados e discussão

Por intermédio da entrevista, Eduardo de 28 anos e do curso de língua portuguesa da UERN Campus Mossoró, descreveu o enfrentamento acerca das perguntas que foram direcionadas. O processo que desmonta o pensamento cisnormativo foi essencial para a discrição da sua performance em diversos espaços acadêmicos, seja de constrangimento à pertencimento. A dialética entre entrevistado e entrevistador dispõe da observação participante através de elementos socioantropológicos.

- Como você se sente no ambiente acadêmico sabendo que ele é detentor de parâmetros que exigem uma normatividade?

Complicado. É (...), eu acho que assim, é (...), a academia pelo menos a UERN, o espaço físico UERN, ele tem abertura pra promover diferentes ambientes. Então, essa pergunta ela meio que se divide, pra mim. Porque assim, dentro de sala de aula por exemplo, eu sinto uma certa pressão de que você tem que se portar de um jeito pra atingir uma expectativa e o ambiente de sala de aula enquanto espaço físico, ele tem um formato/molde muito... intimidador. Então, quando você entra na sala de aula, ou se você chega depois de todo mundo, por exemplo, os olhares se voltam pra você, a porta, é, no mesmo nivelamento de onde o professor se posiciona, ele está à frente da turma, quando você entra, você é observado, você é o foco. Então, momentos como esse exigem de uma pessoa que não apresenta uma estética dentro da normatividade um preparo psicológico até diferente. Hoje em dia eu me porto, não, melhor dizendo, não me porto, mas eu me visto, eu me apresento esteticamente mais dentro da normatividade do que em outros momentos. Então, e eu já entendo por diversas experiências que eu vivi, inclusive, dentro da universidade, que eu tenho a passibilidade maior do que muitas pessoas, isso já me faz assumir um lugar de mais conforto, do que por exemplo assim que eu entrei na universidade. Então, pra quem acaba de chegar, e, está começando um processo de mudança e que desvia do padrão normativo, é um ambiente muito intimidador esses espaços mais acadêmicos formais, tipo a sala de aula. Mas nos outros ambientes da universidade, eu sinto o contrário. Eu sinto que sai desse momento de intimidação e de que você se sente avaliado, pra um momento de você conseguir se comunicar com quem está ao redor a partir do que você expressa. E expressa, enquanto, como você se veste, ou

expressa enquanto como você gesticula, quando você fala... múltiplos aspectos... são abertos ao acolhimento.

- Para você, como é lidar com o estranhamento acerca da performance não padrão (*queer*)?

Essa é uma pergunta muito interessante porque o estranhamento na minha vivência dentro da universidade ele aconteceu de uma forma inusitada. É (...), eu sou, faço parte de um grupo de pesquisa em análise do discurso da linha francesa, que é o GDUERN. E o meu orientador, a gente trabalhava justamente com gênero e sexualidade. E estávamos fazendo a pesquisa dentro da observação, da expressão das pessoas trans na mídia. E aí estudando conceitos de *queer*, de heteronormatividade, e tal, eu achava que eu era uma pessoa que expressava uma (*falou sorrindo*), que tinha uma expressão muito não-padrão de gênero. Eu achava que as pessoas me olhavam com estranhamento e que eu não tinha passibilidade, mas estudando essas coisas e fazendo alguns questionamentos com o meu professor, eu descobri que não, que eu tinha muita passibilidade e isso foi um choque pra mim porque eu fiquei assim, gente: eu tô me esforçando tanto e tá dando errado? (*falou sorrindo*). Que eu tinha muita passibilidade, que eu me expressava muito dentro do masculino, que não era nada daquilo que eu tava achando, porquê e aí isso é interessante... por que que eu achava que tudo era tão perceptível? Porque eu sei que eu sou um corpo, é... não-padrão, eu sei que eu sou um corpo trans. Por saber disso, eu achava que era muito perceptível pra todo mundo. E aí quando descubro que não é, que a forma como eu sou lido e enxergado socialmente é totalmente binária e dentro de uma normatividade, eu fiquei chocado, eu fiquei arrasado, eu fiquei assim, gente, mas como assim? Aí eu entendi, é porque quando a gente sabe disso, quando a gente tem essa informação, a gente acha que é tudo muito perceptível, e acha que tudo tá sendo... muito... assim, é meio como se você tivesse dentro de uma bolha, né? Você sabe que você é trans, então, você começa a achar que todo mundo também sabe e que todo mundo consegue notar. É, então eu fiquei chocado, foi uma experiência bem... Aí eu comecei a observar, assim, justamente os pontos que eu gostaria de expressar, porque que eu não estava expressando aquilo, e como eu faria a partir daí. Por exemplo, maquiagem. Eu gosto muito de maquiagem, só que eu senti uma pressão social pra não usar maquiagem rotineiramente

por causa da forma como eu estava sendo lido a partir de então, a partir das minhas mudanças. E aquilo foi, aquilo é foi... mexendo comigo de uma forma tão inconsciente que mesmo quando eu sentia vontade de usar eu só não fazia e não pensava porquê. O que me fez começar a observar isso foi tanto o estudo dentro de gênero e sexualidade, mas principalmente a dança. Porque quando eu comecei a dançar, que a gente começa a se apresentar em espetáculos e tal, outras coisas são exigidas de você enquanto sujeito, você está num espaço artístico, você vai ter contato com maquiagem, com tipo de roupas que você não costuma usar, e isso vai te colando em posições e vai te dando liberdade e incômodos que você não costuma sentir. Aí eu comecei a me questionar sobre muita coisa, inclusive, usar maquiagem, sabe? E a partir disso comecei a ter mais liberdade pra me posicionar, e me expressar nessas instâncias ou não, a depender do que eu queira comunicar, a depender do espaço que eu esteja entrando, se aquilo seria pertinente naquele momento, se não seria, sabe? Se aquilo vai me deixar desconfortável ou não. Porque eu acho que, o último ponto que a gente deve pensar é o desconforto alheio, no desconforto que eu vou causar nos outros naquele lugar. Primeiro eu tenho que pensar no desconforto que vai ser pra mim. Porque quem vai lidar com essa barra vai ser eu... apesar que a gente tem ensinado a fazer o contrário, mas quando você toma essas perspectivas, porque isso também me ensinou sobre segurança. Se eu estou disposto naquele momento à performar algo não-tradicional, não-padrão naquele ambiente sabendo dos impactos que podem gerar, e se eu tô preparado físico e emocionalmente pra lidar com aquilo. Uma coisa que tem relação com isso e que me causa incômodo, mas que hoje eu já consigo compreender melhor, é a questão do que é entendido como performance masculino dentro da sociedade. Isso me incomoda muito e isso faz com que eu não me sinta dentro do gênero masculino, só que eu sou lido dentro do gênero masculino. Eu sou muito facilmente lido dentro do gênero. Isso me deixou muito confuso por muito tempo. *Como você se identifica na questão de identidade de gênero?* Socialmente eu me identifico no masculino porque é mais fácil. Na minha subjetividade eu não sou... É tipo, eu não acho que seja não-binarismo, eu só acho que gênero é uma coisa que não existe, tá ligado? (*falou sorrindo*). Pode ser um gênero muito fluído. **Arquivo de áudio AAC (12min59s).**

No final da entrevista assim que o gravador foi desligado, Eduardo contou um caso vivido durante um evento acadêmico na cidade de Salvador. Ele descreveu sobre um

constrangimento por estar na fila de um banheiro da qual era destinado para pessoas trans e travestis, entretanto, a sua passibilidade relacional ao gênero masculino, causou desconforto em uma travesti que também estava na fila (ela estava um pouco atrás de Eduardo). Segundo ele, a travesti começou a reclamar por ele estar no ambiente utilizando do mesmo direito que ela. Para Eduardo, mediante o constrangimento, não sentiu a necessidade de se reafirmar enquanto pessoa trans quando foi imputado pela travesti.

Perante a passibilidade é existente os mecanismos que direcionam pessoas trans à aspectos linkados a estética padrão-normativa, ou seja, está questão acontece até mesmo para algumas outras performances que envolvem o corpo excêntrico. A ausência de letramento do próprio espaço/comunidade causa desconforto com o tão famigerado discurso “julgando pela capa”, ou melhor dizendo, julgando pelo estereótipo apresentado.

Considerações finais

Conclui-se que a corporeidade na perspectiva da teoria *queer* e a performance dissidente destaca a importância de desnaturalizar as concepções tradicionais de gênero e sexualidade, reconhecendo a fluidez e a diversidade das identidades humanas. Através da análise tomada como base de teorias de autores como Judith Butler, Tamsin Spargo e Michel Foucault, bem como da compreensão das experiências de corpos dissidentes, transexuais, travestis e não-binários, o artigo oferece uma visão complexa e inclusiva das subjetividades humanas. No contexto contemporâneo, a teoria *queer* emerge como uma abordagem que desafia as normas e categorias binárias que historicamente têm moldado as percepções de gênero e sexualidade. É proposto uma compreensão mais fluída e contingente das identidades, destacando a performance como um ato político de resistência e subversão. Através da performance dissidente, os corpos desafiam as estruturas de poder e questionam as narrativas dominantes sobre o que é aceitável ou legítimo em termos de identidade e expressão.

A análise das identidades transexuais, travestis e não-binárias revela a complexidade das experiências de gênero e a necessidade de reconhecer e validar a multiplicidade de formas de ser e estar no mundo. A marginalização e a discriminação

enfrentadas por esses corpos dissidentes ressaltam a importância de políticas públicas inclusivas e do reconhecimento das vozes e experiências dessas comunidades.

Para a abordagem do *camp* na ótica de Tamsin Spargo, é descrita uma perspectiva histórica sobre a estética extravagante e a subversão das normas de gênero através da performance artística. Essa estética desafia as convenções sociais e questiona as noções de beleza e normalidade, destacando a importância da originalidade e da paródia como formas de resistência cultural. Em (des) construções finais, o artigo aponta para a necessidade de uma interpretação mais inclusiva e sensível às diversidades de gênero e sexualidade, reconhecendo a importância da performance dissidente como uma forma de afirmar a agência e a autonomia dos corpos marginalizados, como também a este caráter, é imprescindível a desconstrução das normas binárias de gênero e a valorização das identidades dissidentes como passos essenciais acerca da sociedade.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: Ágape e êxtase: orientações pós-seculares.** Tradução de Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). **Prazeres dissidentes: Coleção sexualidade, gênero e sociedade.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009.

WEEKS, Jeffrey. **O Corpo e a Sexualidade.** In: LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 35-83

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In: LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 151-172.

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. **“Manifestações textuais (insubmissas) travesti”**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75614, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D5Mthwz5BK'TkhX8jTwGjJbd/abstract/?lang=pt>